

INFINIDADE

JORNAL



Destaque:
Mulheres que
fazem história

O Instituto Langage homenageia, por meio das mulheres aqui apresentadas, todas aquelas que lutam por novos discursos que reconheçam o papel fundamental das mulheres na sociedade. Apesar da marginalização e do silenciamento impostos pelo patriarcado, elas insurgiram, fizeram história e continuam ecoando em vozes que enfrentam a violência, o abuso e o feminicídio.

Mesmo diante de condições adversas, seguem na luta por reparação, direitos e pela soberania sobre seus próprios corpos. Cada mulher desta série será apresentada por outra mulher, que escolheu livremente de quem trazer a voz.

Falemos por e com elas!

Design criado e elaborado por
Daniel Santos & Flávia Oliveira



NESTA EDIÇÃO

MULHERES NO ESPORTE

Breve histórico da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos

MULHERES NA CIÊNCIA

Hélène Cixous

POR NÓS, NA LEI

Você sabe o que realmente é a Lei Maria da Pena?

OPINIÃO

Mulher e (é) poder por Maria Helena Palma

VOZEANDO

Texto escrito
por C. Harriet

ALMA
C. Harriet

ENTREVISTA

Ludmila
Tavares



NOTA EDITORIAL

O Jornal Infinitude nasceu com a proposta de ampliar as discussões que acontecem no Grupo de Trabalho sobre Gênero e Sexualidade, do Instituto Langage. A intenção é que as reflexões, trocas e inquietações que circulam entre nós se expandam, chegando de forma mais próxima a todas as pessoas, sem a barreira de textos acadêmicos, mas preservando a profundidade e a sensibilidade que o tema merece.

O nome “**Infinitude**” foi pensado para remeter à essência desta proposta: abrir caminhos para pensar a infinitude de possibilidades que existem quando falamos de gênero, possibilidades que ultrapassam a lógica binária e cisnormativa, e também a infinitude de assuntos, encontros e movimentos que podem surgir a partir daí.

Mais do que trazer informações, queremos que este espaço seja um convite para refletir, questionar, criar e compartilhar as **infinidades** das mulheres na cultura. Que cada edição seja um passo nesse caminho por novas possibilidades, sempre em diálogo e abertura para o novo.

Clara Powaczruk



ENTREVISTA

com Ludmila Tavares



Ludmila Tavares Costa Ercolin

Odontóloga
Mestre em Fisiologia Oral e Doutora em Saúde Pública pela Unicamp,
Especialista em Aleitamento Materno e Cuidado Materno infantil pelo Instituto Passo1,
Especialista em Psiquismo do Nascimento pela Universidade de Paris,
Consultora Internacional em Lactação pelo IBLCE,
Coordenadora de cursos de especialização em Aleitamento e Transdisciplinar sobre Anquiloglossia.
Coordenadora do Banco de Leite Humano Lactare
Psicanalista em formação pelo Instituto Langage

“**Feminismo é ampliar escolhas reais. Direito de amamentar e de não amamentar. Decisão livre, sem culpa, com apoio estrutural.**”

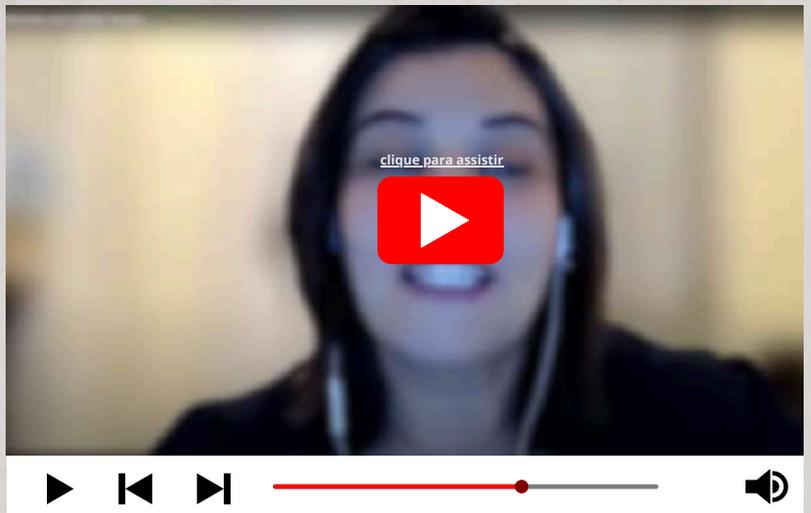


Autora do livro **“Dizeres dos bebês sobre a amamentação”** pela Editora do Instituto Langage.



[Assista a entrevista completa](#)

“**Amamentar é direito da criança e da mulher/pessoa que amamenta. A escolha é da díade, apoiada pela sociedade. Não é imposição, é decisão informada.**”



OPINIÃO

Por Maria Helena Palma de Oliveira,
São Paulo, 04/05/25.



Mulher e (é) poder

É momento de comemorar a criação do jornal Infinidade. Isso porque nele poderão se expressar as vozes e os interesses representativos de mulheres. O lançamento do jornal é resultado de uma série de ações desafiadoras e promissoras fomentadas e desenvolvidas pelo Instituto Langage, por meio do Grupo de Trabalho Psicanálise s(e)m Gênero.

O jornal *Infinidade* tem uma significação importantíssima nesse momento em que movimentos conservadores e extremistas vêm se esforçando mais e mais em defender e dar continuidade à hegemonia econômica e cultural de um modelo de mundo e de convivência social masculino e opressor. Não se pode afirmar que sejam movimentos passadistas, pois, infelizmente, ainda vivemos sob a égide do ideário conservador que se arvora em temáticas de valorização da família e da manutenção da ordem social, muitas vezes, graças à imposição do silêncio e da submissão de mulheres e demais minorias de poder. Mas o que provoca essa reação conservadora? O fato de que tem sido crescente e constante a expressão da voz e da força/poder das mulheres e das demais minorias, as quais vêm se afirmando mais fortemente desde a segunda metade do século XX. **Michel Foucault aponta que o poder se manifesta como uma prática social construída historicamente, presente nas relações sociais existentes e que, por isso, está em toda parte, atravessando-as por meio das práticas discursivas.**

A discursividade nos mais variados níveis e espaços expressam o crescente empoderamento das mulheres que conquistaram, nas últimas décadas, leis para protegê-las de violências como a Constituição Brasileira de 1988, a Lei “Maria da Penha” (2006), ou a lei de equiparação de salários entre homens e mulheres (2023), para citar algumas. Foram criadas também políticas públicas que visam garantir direitos, promover a igualdade e combater a violência, um exemplo são as Delegacias da Mulher.

Infelizmente, essas conquistas não superaram ainda um perfil socioeconômico multifacetado em termos de escolaridade, padrão socioeconômico e etnia; no entanto, representam avanços históricos expressos nas práticas sociais que ainda exigem avanços significativos. É preciso superar, entre tantas outras, realidades alarmantes como a venda de meninas virgens, a prostituição na infância e na adolescência. É também preciso superar a existência cada vez maior de mulheres como únicas provedoras da família. Não se pode deixar de citar a realidade brutal de violência doméstica ou social que atinge milhares de mulheres, inclusive na sua forma fatal: o feminicídio. Na verdade, há muito para avançar. As mulheres e a sociedade precisam estar atentas inclusive para assegurar a manutenção das conquistas já obtidas nesse processo histórico recente.

É fato que o empoderamento da mulher incomoda e causa reação de forças sociais e políticas. Ainda são desconhecidos os impactos que as tecnologias digitais, concretizadas em redes sociais, podem causar aos avanços das conquistas das mulheres nesse início de século XXI. Nessas redes, estão presentes os discursos de ódio e as falsas informações sobre as temáticas sensíveis à construção do poder de mulheres. Além disso, ainda são desconhecidos os efeitos do uso da Inteligência Artificial sobre a discursividade dos direitos em geral e, especificamente, sobre as temáticas de afirmação dos direitos das mulheres e de outras minorias de poder.

“As mulheres e a sociedade precisam estar atentas inclusive para assegurar a manutenção das conquistas já obtidas nesse processo histórico recente.”

Cabe destaque para existência de sites internacionais masculinistas que ampliam o discurso de ódio contra as mulheres e que têm bilhões de visualizações e milhões de seguidores. Estes sites monetizam vídeos e tornam a misoginia um negócio rentável. No Brasil, mais de uma centena de canais digitais de conteúdo misógino mobilizam milhares de seguidores.

Esses são exemplos de movimentos reacionários que estão extremamente incomodados com a ascensão do poder das mulheres. Na verdade, como nos ensina Foucault, constituem-se em sinais-obstáculo a ações de afirmação, ou seja, como um dispositivo voltado para o futuro que visa bloquear novos avanços e reduzir os ganhos já obtidos. Esses movimentos estruturam estratégias de silenciamento da discursividade que expressa o avanço do poder das mulheres.

O contexto permite algumas indagações. Esses movimentos reacionários conseguirão impedir a continuidade das conquistas necessárias à afirmação do direito das mulheres? Essa rede de relações já existentes - que atravessa pela discursividade toda a sociedade, atingindo indivíduos e instituições, por meio de um discurso circulante de conhecimentos produzidos e já compartilhados - pode ser interrompida? A luta foi iniciada há muito tempo. Não há como retroceder. **As mulheres, de fato, se veem como sujeitos de direito. No momento, cabe fortalecer a prática de resistência e a busca por mais transformações.**



Profa. Dra. Maria Helena Palma de Olivera

Doutora em Psicologia da Aprendizagem (IPUSP), mestra em Psicologia da Educação (PUCSP), licenciada em Letras (FFLCH-USP). Autora do livro: *Lembranças do passado: a violência doméstica na vida de escritores brasileiros*.

REFERÊNCIA

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 36ª ed. Trad. Lígia M. P. Machado. Petrópolis: Vozes, 2009.

POR NÓS, NA LEI



Você sabe o que realmente é a Lei Maria da Penha?

A Lei Maria da Penha foi promulgada em 7 de agosto de 2006, Lei nº11.340, é um marco no enfrentamento à violência contra a mulher no Brasil, pois reconhece que a violência doméstica e familiar é um problema estrutural da sociedade, que se origina, mas que não se resolve entre “quatro paredes”.

A história de Maria da Penha Maia Fernandes inspirou a criação da lei que leva seu nome. Maria da Penha sobreviveu à violência de seu marido em duas tentativas de feminicídio, que assolaram a sua vida como de tantas outras mulheres em situação de vulnerabilidade.

A lei prevê medidas protetivas de urgência, como o afastamento do agressor, penas específicas para as situações de violência física, psicológica, moral, patrimonial e sexual.



Maria da Penha Maia Fernandes, ativista brasileira que deu nome à Lei Maria da Penha, símbolo da luta contra a violência doméstica no Brasil.

Esta lei tem acompanhado as transformações sociais e tem sido atualizada periodicamente, como a inclusão do monitoramento eletrônico do agressor, a prioridade nos serviços de saúde e de assistência social e o reconhecimento da violência psicológica como crime autônomo. A última atualização ocorreu em 2024 (lei 14.857/24), que mantém públicos o nome do agressor e demais dados do processo, restringindo o sigilo apenas à identificação da mulher.

Contudo, ainda falta a conscientização da sociedade, pois muitas vezes a lei é banalizada em discursos populares, são utilizadas brincadeiras no discurso popular cotidiano que mostram uma trivialização da violência de gênero. Esta lei é um instrumento de proteção à vida, milhares de mulheres conseguiram romper ciclos de violência, salvar suas vidas, as vidas de suas famílias, e trouxe muitos outros projetos de políticas públicas, delegacias especializadas e campanhas.



“A Lei Maria da Penha é o caminho legal para o cuidado e para a justiça, porque em briga de marido e mulher, metemos a colher sim! A violência não é assunto privado, é uma questão de saúde pública, uma questão de direitos.”

MULHERES NO ESPORTE



Breve histórico da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos

Por muito tempo, as mulheres foram excluídas de espaços públicos como o esporte, enfrentando os mesmos obstáculos presentes na política, no trabalho e na cultura. Sua inserção nos Jogos Olímpicos foi um processo marcado por resistência, e mesmo hoje a plena igualdade ainda não foi alcançada.

Apenas em 1996, a Carta Olímpica incluiu oficialmente a promoção da igualdade de gênero como um dos princípios do Comitê Olímpico Internacional (COI).

Nos primeiros Jogos Olímpicos (776 a.C.), realizados em Olímpia, apenas homens podiam competir. A sociedade grega via o evento como uma exaltação da virilidade, banindo as mulheres tanto das arenas quanto das arquibancadas. Essa exclusão marcou o início de uma longa história de desigualdade no esporte olímpico.



Histórica equipe do Dick, Kerr Ladies F.C. em 1921, uma das primeiras equipes de futebol feminino. Foto: Domínio Público.

A história da participação feminina nos Jogos Olímpicos modernos começou com exclusão. Quando Pierre de Coubertin reviveu os Jogos Olímpicos em 1896, sua visão era exclusivamente masculina: considerava a participação feminina "desagradável, desinteressante e imprópria", defendendo que as mulheres deveriam se limitar ao papel de espectadoras. Essa mentalidade persistiu até sua morte, retardando por décadas a plena integração das atletas.

Apenas em 1900, em Paris, 22 mulheres (2,2% do total de atletas) competiram - e apenas em modalidades consideradas "adequadas ao feminino", como golfe e tênis. O caminho para a igualdade foi árduo, conquistado graças à persistência do movimento feminista.

Marcos importantes surgiram ao longo do século XX. 1928, em Amsterdã, 300 mulheres (10% dos atletas) competiram em mais modalidades. Em 1984, Los Angeles, houve a inclusão da maratona feminina. Apesar do progresso, cada avanço foi uma batalha contra preconceitos arraigados no mundo esportivo.



Nesse infográfico, vemos a participação da mulher ao longo da história dos Jogos Olímpicos, destacando que apenas em 2024 houve paridade numérica entre homens e mulheres.

MULHERES QUE FAZEM HISTÓRIA

O Instituto Langage rende homenagem, através destas mulheres que serão aqui apresentadas, a todas as mulheres que lutam para construir novas possibilidades de discursos que reconheçam as mulheres como fundamentais para todos os processos que constituem a sociedade. Essas mulheres, muitas vezes relegadas a um segundo plano e muitas vezes silenciadas pela força de um poder patriarcal, não se furtaram a agir com suas insurgências. Essas realizações se tornaram obras que fazem história, ecoando suas vozes em outras vozes que se levantam frente à violência do abuso e do crime inadmissível do feminicídio. E mesmo que todas as condições fossem, e ainda são, desfavoráveis, elas lutaram e lutam por reparações e direitos, por vida digna e pelo direito de poder ter, o que sempre lhes pertenceu, o seu corpo. Todas as mulheres desta série serão apresentadas por outras mulheres que escolheram livremente de quem trazer a voz. Façamos todas por e com elas!

Ana Lucia Silva e Souza

Erika Parlato-Oliveira

(Organizadoras desta série)



Tarsila do Amaral 1886 - 1973

Por Erika Parlato-Oliveira

Uma artista como poucos. Nascida no século XIX, em São Paulo, manteve sempre o espírito transformador do seu tempo que exigia mudanças. Ela destacou em sua obra, em diferentes momentos, a realidade social brasileira. Seu lugar assegurado no mundo das artes deve ser refletido para todo o campo da cultura, pois ela construiu uma linguagem no mundo modernista que reflete uma posição crítica, entre outros temas, sobre o lugar do feminino. Isto pode também ser visto na sua vida pessoal, ao não se submeter a um casamento que não lhe convinha, e ao pedir o divórcio com o argumento de “divergências culturais”. Ao participar da fundação do movimento antropofagista, ela integra o “Grupo dos Cinco”, que cria um importante marco para a cultura brasileira. O seu Abaporu, antropófago em Tupi-Guarani, nos mostra o olhar social, que vê na mulher, tomo esta liberdade de afirmar o gênero, por vezes não reconhecido na análise desta obra, quase somente um corpo, desnudo, que trabalha num cenário árido social, e não um ser que pode pensar. A posição que ela dispõe uma de suas mãos não nos deixa dúvida de sua alusão ao ato de pensar iconizado por Rodin. Uma Pensadora! Uma Criadora! Uma Mulher!

MULHERES NA CIÊNCIA

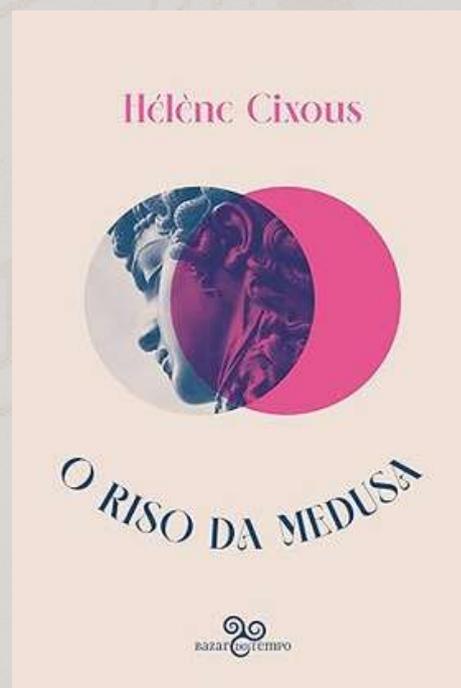


HÉLÈNE CIXOUS



Hélène Cixous (1937-) é uma filósofa, escritora e teórica literária francesa, conhecida por suas contribuições ao feminismo, à crítica literária e à desconstrução. Ela é uma das fundadoras do feminismo da diferença, que valoriza a singularidade da escrita e da experiência feminina.

Sua obra mais influente, "O Riso da Medusa" (1975), publicada no Brasil em 2022 pela editora Bazar do Tempo, defende a *écriture féminine* (escrita feminina), uma forma de expressão que desafia as estruturas patriarcais da linguagem. Cixous acredita que as mulheres devem escrever sobre seus corpos e desejos para subverter a tradição literária dominada por homens.



Link do livro "[O Riso Da Medusa](#)" da autora Hélène Cixous



Além de seu trabalho teórico, Cixous é autora de ficção, peças de teatro e ensaios, muitas vezes em colaboração com o filósofo Jacques Derrida. Sua escrita é marcada por um estilo poético e experimental, explorando temas como identidade e gênero.

Hélène Cixous reinterpreta o caso de Dora, a famosa paciente de Freud, destacando sua voz silenciada pela psicanálise tradicional. Em "Retrato de Dora" (1976), publicado no Brasil em 2024 pela editora Blucher, ela resgata a figura da jovem histérica não como um caso clínico fracassado, mas como uma mulher que resiste à interpretação masculina. Cixous enxerga a histeria como uma linguagem de protesto, um grito reprimido contra a opressão patriarcal. Ao recontar a história de Dora com uma escrita poética e fragmentada, ela desafia a narrativa freudiana e celebra a fuga de Dora como um ato de libertação.

Professora emérita da Universidade Paris VIII, cofundadora do Centro de Pesquisas em Estudos Feministas, seu pensamento continua a influenciar os estudos de gênero, a literatura, a filosofia contemporânea e a psicanálise.



VOZEANDO**ALMA***C. Harriet*

Naquele exato momento, não podia acreditar que ele faria aquilo comigo, com a menina que ele viu crescer e se desenvolver e se tornar adolescente. Parecia algo impossível, parecia um pesadelo que nunca teria fim. Foram minutos de agonia, de dor, de medo e de desespero. Imaginar que eu poderia ter gritado ou esperneado naquele quarto, mas eu estava sozinha. Não tinha ninguém para me ajudar, nem mesmo a ajuda de Deus. Naquele momento, parece que Ele virou as costas para mim e tapou seus ouvidos ao grito da minha alma, não me enviou socorro quando clamei a Ele naquele quarto. Ele apenas permitiu que eu vivesse o início da minha primeira dor...

Tudo estava tão calmo naquele dia. Tudo parecia tranquilo, nunca imaginei que em menos de segundos minha vida pudesse mudar com tanta força assim. Estava arrumando minha casa, era minha obrigação enquanto meus irmãos brincavam na rua — um dia comum para mim

Não ouvi nenhum passo, nenhum movimento na fechadura da sala, mas senti quando ele chegou por trás de mim com um lençol que estava sendo preparado para colocar na cama do filho dele, apenas senti no meu

pescoço, e o ouvi dizendo:

- DEITA E NÃO FALA NADA... SE FALAR ALGUMA COISA, EU MATO VOCÊ.

Ali, fiquei em silêncio, o maldito silêncio que insisti por muitos meses ou anos, talvez. Ali eu senti que minha vida tinha acabado e que minha alma tinha sido arrancada de mim. E muitas vezes eu sinto que ela não quer mais voltar para o lugar, que ela não entende a minha angústia, a minha dor.

E se hoje minha alma fosse uma pessoa, a colocaria numa cadeira na sala de estar. Pensei em colocar no quarto, mas faz tanto tempo que não entro lá, então melhor na sala de estar. Faria todas as perguntas possíveis e indagações que ainda me sufocam no momento, mesmo não sendo de olhar muito nos olhos das pessoas, ainda assim fixaria meu olhar nela sem medo e insegurança.

Talvez pegaria na sua mão e a faria andar por cada cômodo dessa casa, mostraria que meus medos moram aqui — eles nunca vão embora. Não adianta para onde eu tente ir, muito menos me esconder dos monstros, eles sempre me acham. Quando fecho meus olhos, eles vêm com aquelas mãos e abrem meus olhos, com aquelas mãos horríveis, suas unhas são grandes e suas mãos são ásperas. Eles me forçam a olhar. Eles me forçam a olhar. Eles me forçam a olhar...

Primeiramente, a levaria ao banheiro e mostraria o espelho enorme que meu irmão insistiu em colocar lá, mas sempre o coloco acima do meu corpo, porque ainda sinto vergonha dele, vergonha de olhar, de tocar.

Às vezes prefiro cobri-lo porque ainda sinto ânsia. Olhar por muito tempo para ele me dá ânsia, pois alguém “tocou” sem minha permissão. Na maioria das vezes, meu sabonete dura uma semana, pois passa inúmeras vezes no corpo com a intenção de sair toda a sujeira, até aquela que não consigo ver. Pois é!

Infelizmente, ainda não acabou. Gostaria que tivesse acabado por aqui, que não houvesse mais nenhuma palavra para se dizer, não escrever esse texto em lágrimas e com muita dor na minha alma. Mas, estou aqui para romper o silêncio, o silêncio que aprisiona a alma e faz com que você sinta culpa por algo que não é sua culpa.

A minha alma às vezes não compreende minha dor, mas um dia, quem sabe, ela entenderá.

Agora, chegou o momento em que eu preciso levá-la ao quarto, mas prefiro deixar por último. Você pode se assustar e querer tapar os ouvidos e tentar fugir, mas talvez não consiga, porque eu mesma não consegui.

Alma, vamos voltar alguns cômodos, venha...

Venha, ainda falta mostrar outros lugares. Está vendo este sofá? Passei anos dormindo aqui. Tive que sair daquele quarto. Eu não poderia mais ficar ali. Todas as vezes que tentava dormir, eu o via me olhando pelo buraco da fechadura e os olhos dele eram enormes para mim, e ele me vigiava a madrugada inteira e, por muitas vezes, ele aparecia ao lado da minha cabeceira e mexia em mim e eu não podia falar nada.

Eu apenas respirava bem fundo... e respirava... respirava e... respirava...

Nesse sofá, tive as piores insônias e os piores

pesadelos que um ser humano poderia ter. Não conseguia sair daqui, e me diziam que eu era preguiçosa. Mas sabe, alma? O prazer de levantar tinha sido arrancado de mim...

Na verdade, gostaria que nenhum desses lugares recordasse nada para mim, assim eu conseguiria caminhar tranquilamente por aqui, porém, infelizmente não é assim. Os lugares menos improváveis trazem alguma coisa... Quando minha mother estava distraída (**ELA SEMPRE ESTEVE**), ele fazia gestos obscenos para mim. Sabe, era horrível, eu queria sumir dali. Tudo o que falo e escrevo parece tão absurdo, tão ilusório. Uma coisa que gostaria que fosse. Apenas ilusão, mas tudo isso está sendo real. Mas, enfim, Alma, vamos voltar alguns cômodos, vem...

Esse é o quarto, meu maior pesadelo. Na verdade, qualquer quarto me traz um imenso medo. Você sabia que antigamente eu não entrava mais em nenhum? Pois é, sempre tive a sensação de que algo de ruim aconteceria comigo se eu estivesse dentro de qualquer quarto. Nesse lugar, me sinto insegura... parece que ele vai aparecer a qualquer momento e me machucar mais uma vez.

Ainda lembro de quando ele me vigiava enquanto dormia, ou das inúmeras vezes que ele encostava em mim enquanto eu fazia comida. Eu me sentia apavorada.

Sempre achei que esse pesadelo um dia iria acabar, mas a menina boba aceitou seu pedido de desculpa e confiou em sair com ele de novo... melhor deixar essa parte para depois, talvez ela seja bem mais dolorosa, dolorosa porque acreditei em alguém

que já tinha me estuprado uma vez, e deixei ele me enganar novamente. Você lembra daquela culpa que te falei? Então, ela ficou pior.

Certa noite, estava eu novamente lavando a louça no escuro com a porta aberta, pois em casa a energia tinha sido cortada. De repente, ele apareceu, trancou a porta com força e disse:

– Vá para o quarto agora.

Ele estava um pouco bêbado, e enquanto caminhava para o quarto, consegui abrir a porta e comecei a chorar no corredor de casa. Os vizinhos saíram e perguntaram o que tinha acontecido e ele respondeu:

– Ela não quer lavar a louça

Saí pelas escadas correndo, fui para a casa de uma vizinha e, mesmo assim, ele foi atrás de mim. Pedi que ela não abrisse a porta. Eu estava sozinha, com medo e não conseguia contar para ninguém o que estava acontecendo comigo naquele momento. Era uma mistura de sentimentos: vergonha, medo e insegurança, será que alguém iria acreditar em mim? Depois de todo caos daquela noite, minha vizinha decidiu me chamar na casa dela e me pediu pra contar o que estava acontecendo, e eu nem mesmo sabia por onde começar a falar daquele inferno que eu passava. Mas contei, entre soluços e muitas lágrimas. Saí pelas escadas correndo, fui para a casa de uma vizinha e, mesmo assim, ele foi atrás de mim. Pedi que ela não abrisse a porta. Eu estava sozinha, com medo e não conseguia contar para ninguém o que estava acontecendo comigo naquele momento. Era uma mistura de sentimentos: vergonha, medo e insegurança, será que alguém iria acreditar em mim? Depois de todo caos daquela noite, minha vizinha decidiu me chamar na casa dela e me pediu pra contar o que estava acontecendo, e eu nem mesmo sabia por onde começar a falar daquele inferno que eu passava. Mas contei, entre soluços e muitas lágrimas.

Descemos, e ela me obrigou a contar à minha mãe. Novamente tive que contar; lembro que a reação dela foi estranha e que apenas me perguntou:

– Você tem certeza disso?

Enquanto ela indagava minha fala, aquele monstro fugia pela janela de casa, pois estava marcado para morrer naquele dia, vocês sabem como é viver em periferia, ou não? Mas, enfim. E mesmo depois que ele fugiu, você acredita que ainda tenho pesadelos com ele? Um dia o vi encostado na porta, ele tinha os olhos bem grandes, eu tentei gritar igual daquela vez, mas eu não consegui.

Deixa eu continuar te contando. Ainda quer ouvir? Pode ser sincera comigo. **(SILÊNCIO)**

Alma, foi aqui que me mataram.

Estava tudo tão tranquilo naquele dia. Era uma tarde de verão, o sol estava escaldante. Eu amava o sol, amava abrir a janela, mas, depois disso preferi me isolar e permanecer na escuridão dos meus próprios pensamentos.

E todas as vezes que o sol aparece, fecho as janelas e fico no escuro.

Faz tempo que faço isso, Alma, ele apareceu do nada, Alma, ele me enforcou, Alma, foi com o próprio lençol da cama do filho dele, Alma!

Ali, eu teria preferido que tivesse me matado. A morte teria sido melhor. Alma, eu chorava, implorava que parasse, eu gritava por dentro porque o pano apertava meu pescoço.

Quer ouvir mais? Alma, não chore! Já estou terminando...

Alma, ele estava sobre mim, ele era muito pesado e estava me machucando muito, mas não se importava. Dizia, cala a boca, olha aquela faca ali e me ameaçava com ela, fica quieta, ele dizia que eu era melhor que... deixa essa parte pra lá.

Alma, agora você entende o porquê de estarmos assim tão abatidas. É uma perturbação que aqui dentro mexe com absolutamente tudo dentro de mim. Alma, tenho razões fortes de estar assim? Pode ser sincera.

Sei que às vezes não nos entendemos bem, mas talvez você seja a única que faz isso. Alma, gostaria de esquecer cada detalhe e que as lembranças voltassem poucas vezes por ano, mas eu não sei o quê está acontecendo. Estão frescas aqui dentro do meu coração.

Oh, minha alma está abatida, angustiada e desesperada!

Agora, vem cá, pode entrar e tentar me entender, quando no decorrer do dia meu sorriso sumir ou até minha vontade de viver desaparecer.

Aqui dói. Aqui há uma ferida que não para de jorrar e a cada dia sangra um pouco mais. Não, não está sangrando para sarar, nem se abriu para cicatrizar... Sabe, Alma, não aguento mais...



Ilustração: Leticia Faggian Giovannetti

AmarElo: Música interpretada por: Emicida, Majur, Pablo Vittar

Composição: DJ Duh, Emicida, Felipe Vassão

Compartilhe sua História no "Vozeando"!

Gostaria de ver a sua história aqui no "Vozeando"? Envie para nós!

Você pode nos enviar: crônica, conto, poema, carta pessoal, entrevista, ilustração, cartoon, histórias em quadrinhos, fotografia artística, áudio e áudio visual.

A curadoria é realizada pelo Grupo de Trabalho Psicanálise e Gênero.

envie aqui
sua história



NOSSA EQUIPE

O Jornal Infinitude, reúne hoje 10 profissionais de diferentes áreas entre fonoaudiologia, linguística, psicologia e letras. Todos são membros do Grupo de Trabalho Psicanálise s(e)m Gênero do Instituto Langage, coordenado e supervisionado por Sérgio Lopes Oliveira.



ANDREA LAUERMANN

Fonoaudióloga. Doutoranda em Ciências da Saúde (UNITAU). Coordenadora da Clínica do Instituto Langage. São Paulo.



SÉRGIO LOPES OLIVEIRA

Psicanalista. Diretor do Instituto Langage. Editor da Maison d'Édition Langage e da Editora Langage. Bahia.



DANIEL SANTOS

Psicólogo. Pós-graduando em Clínica Psicanalítica. Paraná.



CLARA POWACZRUK

Psicanalista. Graduada em Psicologia. Rio Grande do Sul.



LETÍCIA BORATTO

Psicóloga; Mestranda em Estudos sobre as mulheres: gênero, cidadania e desenvolvimento. Paraná.



FLÁVIA OLIVEIRA

Psicóloga; Pós-graduanda em Clínica Psicanalítica. Rio de Janeiro.



JULIANA BRAGA

Psicanalista. Graduada em Psicologia (FAFIRE). Estudante de Artes Visuais (IFPE). Pernambuco.



JUCIMARA NASCIMENTO

Mestranda em Música (UFMG). Graduada no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e Psicologia (UFBA). Bahia.



JULIA CAVALCANTE

Psicanalista. Graduada em Letras/Linguística. (UFG). Goiás.



VIVÍAN PRESTES

Psicanalista; Doutora em Psicologia. Paraná.

